

PROFESSORES DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: Saberes da docência exercida no cotidiano da creche

Laíse Soares Lima

Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Professora do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia – Campus VIII.
laisesoareslima@hotmail.com

Alícia Laise de Oliveira

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – Campus VIII.
alicia_laise@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os saberes que perpassam as práticas pedagógicas docentes com bebês e crianças pequenas no espaço da creche. A metodologia traçada para atingir nossos resultados partiu de uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo descritiva. Como procedimentos da coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, por meio de um roteiro composto de distintas perguntas abertas, para quatro professoras da Educação Infantil de uma instituição privada do município de Paulo Afonso – BA, que atuam com crianças de 0 a 3 anos de idade. As reflexões tecidas nesse estudo tiveram como principais suportes teóricos, o trabalho de pesquisadores como Corsaro (2011); Sarmento (2008); Barbosa (2010); Kramer (2005); Tardif (2002), entre outros, que dialogam sobre infâncias, educação infantil e docência. Como resultado desta pesquisa, reconhecemos que conhecer os saberes docentes que constitui a atuação das profissionais da creche, implica em estabelecer um diálogo aprofundado, consciente e reflexivo das questões que perpassam a realidade cotidiana do âmbito escolar e atendam as singularidades das crianças. Considerando importante para o desenvolvimento dessa atuação, as relações entre os conhecimentos específicos, experiências profissionais vivenciadas e compartilhadas e os saberes da prática, que fundamentam e conduzem o trabalho docente, configurando as ações pedagógicas com bebês e crianças pequenas.

Palavras-chave: Bebês e crianças pequenas; Creche; Docência; Saberes.

BABIES AND TODDLERS' TEACHERS: teaching knowledge experienced in preschools

ABSTRACTS

This paper aims to analyze the knowledge that permeates teaching practices with babies and toddlers in a preschool environment. The methodology used to reach the goals of this research was based on a qualitative approach, with a descriptive bias. The data were collected through semi-structured interviews with open-ended questions, conducted with four teachers of early childhood education from a private institution in Paulo Afonso – BA, who work with babies and toddlers aged 0 to 3 years old. The reflections built throughout this study were theoretically based on researchers such as Corsaro (2011), Sarmento (2008), Barbosa (2010), Kramer (2005), Tardif (2002), among others who discuss childhoods, early childhood education and teaching. As a result of this work, we have realized that

understanding the pedagogical knowledge that constitutes the work in preschools implies the establishment of a profound, aware and speculative dialogue about the questions that pervade the daily routine of school environment, in order to meet the children's singularities. This investigation considers important for the development of the work the relations between specific knowledge and professional experiences that are lived and shared through practice, which base and guide the teaching process while configuring the pedagogical performance with babies and toddlers.

Keywords: Babies and toddlers; Preschool; Teaching; Knowledge.

INTRODUÇÃO

Como espaço de educação e cuidado de bebês e crianças pequenas, a creche exerce suas atividades a partir das transformações históricas e socioculturais contemplando possibilidades pedagógicas para potencializar as múltiplas habilidades e desenvolvimentos das crianças que iniciam o processo de educação institucional.

Nesse segmento, os profissionais que atuam com crianças na faixa etária de 0 a 3 anos, são desafiados a oportunizar práticas educativas que contemplem as singularidades dos pequenos, norteados por concepções que configuram a intencionalidade de suas ações. Para tanto, o interesse da pesquisa está em problematizar as ações pedagógicas desenvolvidas com bebês e crianças pequenas, buscando refletir sobre as especificidades que perpassam nas perspectivas e propostas, afim de que possamos identificar as nuances do encontro entre docentes e bebês na creche. A intenção de interrogar sobre a ação docente no espaço da creche, emerge do interesse pedagógico em considerar como na primeira etapa da educação básica os professores organizam sua prática, evidenciando os saberes que constituem essas ações.

Por este viés, buscamos abordar discussões que perpassam desde a concepção de criança e infância a uma educação voltada para elas, norteadada pela perspectiva de uma docência crítica e reflexiva, mediadora de saberes pedagógicos, que considera as crianças como agentes competentes e participantes na relação social. Neste caminho, o objetivo geral deste estudo é analisar os saberes que perpassam as práticas pedagógicas docente com bebês e crianças pequenas no espaço da creche.

Mediante uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, guiada pelo propósito de explorar as vozes dos sujeitos e suas significações sobre universo do trabalho com bebês e

crianças pequenas, as discussões realizadas são frutos de entrevistas com educadoras, que expõem pensamentos, práticas e reflexões sobre a educação infantil. Nesse caminho, a pesquisa discorre as significações das narrativas dos profissionais, ao passo que oportuniza situações de reflexões.

Logo, ao versarmos sobre esta temática, adotamos a argumentação teórica de autores como Corsaro (2011); Sarmiento (2008); Barbosa (2010); entre outros, que consideram que a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil deve estar diretamente entrelaçado ao sujeito central da ação, a criança, entendida como histórica e social, compreendida por diferentes olhares ao longo do tempo, mas que, sobretudo, deve ser reconhecida por suas potencialidades, que a permitem agir e interagir no meio à qual faz parte.

Proposições que guiam a formulação de um trabalho docente pautado na escuta sensível, na interação com as crianças e na promoção do seu desenvolvimento, ressaltadas por autores como Tardif (2002); Kramer (2005); Monteiro (2001); entre outros, que nos encaminham a admitir a imagem de um professor da infância que vá além de práticas tradicionalmente estabelecidas para moldar ou disciplinar o comportamento das crianças, mas que atue como interlocutor, mediando sentidos, organizando ambientes, e propiciando uma relação recíproca e participativa. Uma docência que se firma na parceria e compreensão das singularidades infantis com acolhimento das linguagens e necessidades das crianças, legitimando suas vozes e expressões (BARBOSA; HORN, 2008).

Direcionando nosso olhar aos docentes como sujeito participante do contexto da creche, na busca por considerá-la parte dessa construção junto as crianças, visamos apresentar reflexões que possam evidenciar o trabalho docente dos profissionais com bebês e crianças pequenas. Dialogando com alguns profissionais, fundamentados com o apoio de teóricos e acreditando na importância de favorecer a constituição do profissional da creche, seja na formação inicial, continuada, ou mesmo na possibilidade de levar a conscientização de seu papel, este estudo visa entender, através da narrativa desses profissionais, os elementos integrantes desse processo.

Nesse viés de proposições, espera-se contribuir de forma construtiva com os estudos na área da Infância e da Educação Infantil, permitindo reflexões que ampliem a forma de percepção sobre a criança socialmente competente e ativa, o que demanda uma escuta sensível dos educadores

e a atribuição de sentidos ao que as crianças manifestam. Em contraponto a uma docência essencialmente contemplada por um conjunto de especificidades que se destacam.

1 CRECHE, BEBÊS E DOCENTES: TECENDO DIÁLOGOS

A partir do princípio que as práticas educativas desenvolvidas com bebês e crianças pequenas no espaço da creche tem como perspectiva o desenvolvimento de aprendizagens, orientadas pelas interações, brincadeiras e linguagens, consideramos que a política desenvolvida nas instituições, devem respeitar as crianças como atores que se apresentam não apenas como resultado de processos disciplinares ou de conteúdos receptivos, mas de sujeitos que possuem particularidades que precisam ser reconhecidas, superando as condições históricas de invisibilidade. De tal modo, tomamos como premissa a criança repleta de potencialidades, ativa e criativa em suas ações, que podem ser ampliadas e desenvolvidas, com sentidos e significados a partir de uma proposta de docência que contemple a educação e o cuidado de forma integrada, assegurando o bem-estar e o desenvolvimento integral dos pequenos.

Nesse sentido, legitimando a importância de um espaço educativo de qualidade para o desenvolvimento e constituição subjetiva das crianças, a LDB, assegura por meio da Lei nº 9.394/96, em seu artigo 61, que:

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase de desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades. (BRASIL, 1996).

Dessa forma, consideramos que o trabalho docente deve estar alinhado a aspectos como os citados na LDB, evidenciando a percepção dos conhecimentos e saberes necessários a cada docente em seu nível de atuação. Assim, o trabalho pedagógico considera não apenas conhecimentos teóricos e práticos, mas todo o contexto que perpassa a sala de aula, onde a formação ganha um caráter dialógico e, fundamentalmente, se dá por meio das trocas de experiências que são relatadas na produção dos sentidos dos educadores em relação à prática pedagógica junto às crianças de zero a três anos.

Para tanto, a qualificação da atuação docente com crianças requer um conjunto de aspectos que contemplem não apenas conhecimentos científicos e pré-estabelecidos, mas todo o processo e desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos cognitivos, afetivos, motores e

intelectuais. Assumindo assim, uma função vitalícia, que demonstra a importância em alinhar a formação prévia com a formação permanente, possibilitando conhecer e adquirir novos conhecimentos.

Logo, percebemos que a construção do trabalho pedagógico na educação infantil é constante, sendo importante a garantia de uma formação específica para os profissionais que atuam com a primeira infância, pois a docência nesse segmento requer preparação singular para efetivação da profissionalidade educativa com bebês e crianças pequenas, que atenda as especificidades das infâncias. Dessa forma, Barbosa (2010) apresenta que:

[...] ao professor cabe planejar, observar, registrar as atividades realizadas e acompanhar o como as crianças investigam o mundo, suas curiosidades, assombros, risos. Trabalhar com bebês exige uma sólida formação nas múltiplas linguagens das crianças pequenas. [...] educar os bebês só pode ser feito numa perspectiva de mundo onde o conhecimento não é disciplinar. [...] As concepções contemporâneas sobre os bebês, a infância, a aprendizagem e a educação encaminham para a compreensão de um currículo que vislumbre o desenvolvimento integral de crianças nas suas dimensões: expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural compreendendo as crianças em sua multiplicidade e indivisibilidade. Porém, quando pensamos nas crianças bem pequenas, isto é, nos bebês, temos dúvidas sobre como propor este currículo (BARBOSA, 2010, p.5).

Nesse contexto, a autora, refere-se, sobretudo, como ponto de partida, a desconstrução dos olhares que recaem aos bebês nas instituições de ensino, transpondo uma concepção que os minimiza como meros sujeitos incapazes de agir, falar e se expressar, para uma docência que se posicione na aceitação da criança como sujeito potente e capaz, que pode construir relações ativas nos espaços de interações. A partir disso, é possível pensar, organizar e desenvolver ações que acompanhem e estimulem o processo de ensino e aprendizagem das crianças, com uma percepção especial quanto as diferentes formas de linguagens e as relações existente na sala de aula.

Nessa linha de proposições, ao trazer a perspectiva da criança, enquanto sujeito de direito desde a mais tenra idade, inclusive a educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), legitimam a importância da presença de bebês e crianças pequenas nas instituições educativas, pelas contribuições que as experiências nesses espaços podem proporcionar. Para as DCNEI como responsáveis pela educação infantil, as creches e pré-escolas, são “espaço institucional não doméstico que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos” (BRASIL, 2009, p. 12).

Assim, os profissionais da Educação Infantil, especificamente das creches, devem administrar conhecimentos teóricos, metodológicos e relacionais que os permitam compartilhar, acolher, observar e escutar as crianças. Buscando, por meio da interlocução entre teoria e prática, avaliar e adequar suas propostas considerando as necessidades e potencialidades dos pequenos (BARBOSA, 2010). Nesse sentido, existem diferenças na forma de conduzir o trabalho docente com bebês e crianças bem pequenas das demais modalidades de ensino, esse campo específico do saber docente, organiza e desenvolve concepções e práticas que contemplam as necessidades das crianças em seus aspectos físicos, afetivos, cognitivos, intelectuais e motores, uma dimensão que ultrapassa a proposta de ensino, aderindo à complexidade da educação integral.

Essas diferenças quanto a atuação docente, são decorrentes de saberes que esses profissionais adquirem além da sua formação inicial, no decorrer da sua prática. Podemos dizer, que esses saberes são conhecimentos específicos que norteiam a prática docente com crianças de 0 a 3 anos de idade. Saberes esses, que organizam e articulam o trabalho do professor, para que se torne possível alcançar a qualidade educativa em suas ações pedagógicas. Tardif (2002) defende que os docentes não são constituídos por uma única vertente de saber, mas de “saberes plurais, amálgama” que constituem o profissional no decorrer de sua trajetória profissional. De tal modo, torna-se imprescindível questionarmos: qual é a natureza destes saberes? É possível definir quais são esses saberes?

Segundo Monteiro (2001, p. 130), “o saber docente busca dar conta da complexidade e especificidade do saber constituído no (e para o) exercício da atividade docente e da profissão”. Dessa forma, a docência considera o educador como pesquisador que no cotidiano da sala de aula tanto ensina, quanto aprende. Tardif (2002) enfatiza que o saber do professor é o saber dele, não está independente, mas sim relacionado com a pessoa, sua identidade, sua experiência de vida e nas relações com os alunos e os demais atores escolares. Dessa forma, entendemos que todo profissional docente é constituído por um conjunto de fatores que se complementam e permitem desenvolver em sua atuação, características únicas e pessoais, advindas da sua trajetória.

Tal perspectiva, fundamenta a compreensão de que os saberes docentes são desenvolvidos ao longo do processo de construção da identidade e do exercício profissional do professor. Tardif (2002), ainda, aprofunda a análise sobre a atividade docente, identificando outras características

que revelam sua especificidade, para ele os saberes docentes são temporais, plurais e heterogêneos, ecléticos e sincréticos. A formação docente, mediante Tardif (2002), ganha uma dimensão para além do cognitivo e conceitual, ela adere o contexto e as nuances que perpassam o processo educativo. Enfatizando, assim, a não existência de um modelo de professor ideal na educação infantil, pois a docência é constituída por saberes profissionais e saberes pessoais estabelecidos desde o âmbito acadêmico até a atuação no cotidiano.

Nesse sentido, Kramer (2005) contribui expondo que a formação dos professores acontece em diferentes espaços e tempos, ou seja, na formação prévia, por meio dos conhecimentos específicos; na formação superior, com os conhecimentos científicos relativos à infância; na formação política; na formação em cada escola, creche e pré-escola; por meio de estudos, leituras e debates individuais e coletivos; na formação cultural através da experiência com a arte, literatura, música, teatro, biblioteca; entre outros. Neste sentido, é preciso que a formação dos educadores abranja desde a dimensão social e cultural das crianças, valorizando tanto os conhecimentos prévios que possuem quanto as particularidades da infância:

[...] a formação de profissionais de educação infantil precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de as crianças aprenderem com a história vivida e narrada pelos mais velhos, do mesmo modo que os adultos concebam a criança como sujeito histórico, social e cultural. Reconhecer a especificidade da infância – sua capacidade de criação e imaginação - requer que medidas concretas sejam tomadas, requer que posturas concretas sejam assumidas (KRAMER, 2005, p.225).

Dessa forma, os conhecimentos desenvolvidos na formação inicial e continuada são fundamentais para os educadores da educação infantil, em especial no trabalho com as crianças de 0 a 3 anos. De modo que, estejam além de técnicas que simplifiquem as práticas educativas, possibilitando proposições críticas e reflexivas acerca do universo da infância. É fundamental que a docência exercida na creche seja compreendida como uma construção política, histórica e social, que está sendo pensada e produzida hoje, em processo a partir dos questionamentos que buscam construir teorias em diálogo com as experiências e assegurar um espaço que efetive o desenvolvimento integral das crianças. Por esse viés, podemos identificar que o papel dos profissionais de creches é mais complexo e único do que se imagina.

A educação dos bebês e crianças bem pequenas é um campo específico do saber docente, pois existem aspectos singulares que caracterizam esse trabalho, tal como, sentimentos voltados para emoção: dedicação, paciência, carinho e compreensão; e sentimentos voltados para razão: organização, criatividade e dinamismo. Logo, são os mais variados aspectos que a docência

carrega consigo de forma inerente, podemos dizer que são decorrentes da formação inicial alinhada as experiências e a prática cotidiana, que caminham e constroem uma identidade profissional específica.

Nesse sentido, compreendemos, ser o papel dos professores de creches, acolher e conviver com bebês e crianças pequenas, auxiliando-as no dia a dia a construir sua identidade. Encontrando no seu ofício a oportunidade de transmitir o que conhece a respeito da cultura e da sociedade, do mesmo modo, criando e/ou produzindo novos conhecimentos e experiências. Logo, a educação dos bebês e crianças pequenas acontece a todo momento, desde as atividades recorrentes do cotidiano a momentos devidamente planejados. Educar esses pequenos requer colocar-se junto a eles para fazer a vida acontecer, com criatividade, de forma agradável, alegre, demonstrativa e prazerosa. Enriquecendo a vida pelos seus detalhes, sentimentos, sensações, pequenos momentos que muitas vezes nos passam despercebidos.

Por esse viés, consideramos que distanciar-se de práticas adultocêntricas e assistencialistas e de um modelo educacional tradicional e disciplinar já existente, não se trata de uma tarefa fácil, mas é essencial quando visamos a construção de práticas que priorizem o desenvolvimento integral dos bebês e crianças pequenas de forma significativa, que tenha sentido para eles. De tal modo, para que isso ocorra, se exige não apenas a elaboração e aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, fisicamente e emocionalmente, à disposição das crianças, o que demanda dos adultos comprometimento e responsabilidade (BARBOSA, 2010). Ampliando essa discussão, Oliveira (2014) complementa:

[...] garantir a qualidade da educação das crianças pequenas em parceria com suas famílias, numa perspectiva que rompa cada vez mais com o assistencialismo, o não reconhecimento da criança como sujeito de direitos e o não profissionalismo de seus educadores. Vivemos, portanto, um momento de transição, em que formas antigas e tradicionais de organização de ambientes infantis convivem com formas contemporâneas, em concordância com princípios e valores muitas vezes ainda distantes da compreensão e do compartilhamento pela sociedade (OLIVEIRA, 2014, p. 84).

Diante do que apresentamos, vemos a sólida relação entre formação teórico – prática, como a habilitação necessária para o exército docente, em especial com crianças de 0 a 3 anos, para que, no cotidiano escolar os saberes construídos pelas experiências de cada sujeito e sua formação curricular, sejam alinhados e convertidos em novos saberes, em um processo contínuo e constante. Assim, consideramos que a prática pedagógica passa de um mero campo de aplicação a um espaço efetivo de construção de saberes e experiências. Onde o professor, pode ser valorizado mediante suas aptidões teóricas, experiências profissionais e saberes docentes.

Permitindo, assim, que em sua trajetória, em meio ao processo possa auto examinar-se e renovar-se quando necessário.

Para tanto, podemos reconhecer que os profissionais que atuam nas creches são participantes que possuem ricos e distintos saberes, ativos nas práticas realizadas com os bebês e crianças pequenas, sendo essencial espaços de diálogos e reflexões para construção e ressignificação da identidade docente. O que, por conseguinte, explicita a importância de salientar a realidade educativa do cotidiano com bebês e crianças pequenas, afim de compartilhar os conhecimentos que circundam neste segmento de ensino, permitindo assim, a construção de novos sentidos e caminhos para uma prática pedagógica potencializadora na creche.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida mediante a junção dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e procedimentos científicos. Onde, como discorre Gil (2009), se desenvolveu ao longo de um processo que envolveu, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. Assim, esta pesquisa é caracterizada como um estudo empírico, onde, por meio de entrevistas buscou-se compreender as experiências pedagógicas das participantes, com bebês e crianças pequenas. Como horizonte de pesquisa guiamos nossa investigação pautadas no objetivo de compreender os saberes que perpassam as práticas pedagógicas docente com bebês e crianças pequenas no espaço da creche.

Nessa perspectiva, desenvolvemos uma pesquisa com abordagem qualitativa, que envolve o compartilhamento com pessoas, locais e fatos que constituem objetos de pesquisa, para extrair os significados visíveis que se tornam perceptíveis diante de uma atenção sensível. Segundo Bogdan e Biklen (1982), citados por Ludke (2013), essa abordagem permite a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e centrando-se em retratar a perspectiva dos participantes.

Compreendendo existir variados tipos de pesquisa, traçamos no nosso trabalho um caminho descritivo, que se configura em observar, registrar, correlacionar e descrever fatos de uma determinada realidade sem manipulá-los.

Nessa linha, para o êxito da pesquisa, a escolha dos sujeitos entrevistados atendeu aos seguintes critérios: trabalhar como professor(a) regente com crianças de 0 a 3 anos; disponibilidade e interesse em contribuir com a pesquisa; e fácil acesso a dispositivos tecnológicos e/ou internet. Dessa forma, optamos como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada, realizada a partir de um roteiro, pensado para nortear o diálogo e contemplar o interesse da pesquisa.

As professoras entrevistadas foram previamente informadas sobre os objetivos deste estudo, contribuindo para que concordassem que as informações fossem utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Além disso, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante sigilo e anonimato aos entrevistados. As entrevistas ocorreram por meio virtual e flexível, priorizando a segurança das entrevistadas e o andamento da pesquisa, devido ao momento pandêmico que atravessamos em decorrência do COVID-19.

A presente pesquisa, ocorreu com professoras de uma determinada instituição de ensino particular, que apresenta serviços à comunidade de Paulo Afonso – BA e região circunvizinha. A Instituição contempla todos os níveis de educação básica, por essa razão, consideramos que esse ambiente traria elementos significativos para esta pesquisa, possibilitando conhecer a presente realidade e intensificar estudos sobre a temática escolhida.

Com o intuito de preservar a identidade das entrevistadas, iremos utilizar nomes escolhidos pelas mesmas: Margarida, Rosa, Magnólia e Hortênsia; para assim, discorrer as contribuições dessas profissionais. As quatro entrevistadas atuam como professoras regente e possuem formação em licenciatura plena no curso de Pedagogia com experiência na área da educação e atuação com crianças de 0 a 3 anos de idade, por escolha pessoal. Aspectos que contribuíram para que elas fossem escolhidas para auxiliar com a presente pesquisa.

Com a realização da entrevista, os dados foram analisados da seguinte forma: a) as entrevistas foram transcritas na íntegra; b) foram feitas várias leituras das entrevistas em busca de capturar em sua totalidade todo o conteúdo e, ao mesmo tempo, buscando organizar os dados para que respondessem aos objetivos do trabalho; c) após a organização, os recortes do discurso foram selecionados de acordo com a semelhança dos dados e as falas de acordo com a temática.

Com os dados categorizados, discorremos as informações obtidas, apoiadas na discussão teórica apresentada enquanto fundamentação do presente estudo.

3 DOCÊNCIA COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS: AS NARRATIVAS CRUZANDO OLHARES, SABERES E PRÁTICAS

Com os dados produzidos por meio das entrevistas, foi preciso optarmos por uma metodologia de análise que fosse capaz de identificar as falas e impressões das entrevistadas, traçando caminhos para o entendimento das narrativas.

Logo, analisar os dados exigiu-nos inteira dedicação e esforço, na busca por conceber mediações entre as informações e o desejo em responder a problemática investigativa. Igualmente, “[...] é no trabalho de análise que se busca superar a percepção imediata, as impressões primeiras, a análise mecânica e empiricista, passando-se assim do plano pseudoconcreto ao concreto que expressa o conhecimento apreendido da realidade” (FRIGOTTO, 2002, p. 89). Ou seja, as nossas impressões sobre a temática pesquisada, começaram a ganhar significado a partir dos relatos, que nos possibilitaram traçar perspectivas teórico-práticas e dialogar conceitualmente com os nossos resultados.

Diante da quantidade de informações relevantes para nossa discussão, foi possível organizar e sistematizar duas categorias, as quais foram utilizadas com o intuito de nortear este trabalho. Entretanto, embora seja feita a opção de analisar as categorias separadamente, vale ressaltar que entre elas existe total coerência, sendo realizada a escolha de separá-las apenas para melhor compreensão do leitor. Em concordância, Bardin (2004, p. 112) afirma que os objetivos da categorização é:

[...] fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. É a passagem de dados brutos organizados, assim as categorias devem refletir as intenções da investigação e as características das mensagens recebidas. Algumas distorções podem ocorrer devidas às subjetividades e as variações de juízos (submetidos à influência cultural e experiência pessoal) o que permitirá a pesquisadora definir outras categorias, a fim de acertar e consolidar a pesquisa (BARDIN, 2004, p.112).

Nesse sentido, a exploração dos dados obtidos nos permitiu direcionar nossa análise em duas importantes e distintas categorias, sendo elas: a) a infância e a criança nas narrativas das professoras; b) docência e suas especificidades: narrativas que refletem a prática. Dessa forma, buscamos conhecer os significados que as professoras atribuem a infância e a criança, assim

como, analisar a relação desses significados com a prática pedagógica desenvolvida, seus saberes e especificidades, para refletir acerca do lugar que a criança ocupa nesse contexto e os sentidos da atuação docente. Destacando, por sua vez, que a forma como a criança é compreendida reflete no lugar que ela ocupa na escola e nas práticas que são desenvolvidas para promover a sua aprendizagem e desenvolvimento.

3.1 A INFÂNCIA E A CRIANÇA NAS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS

Afim de ampliar as reflexões sobre a temática, tendo as narrativas das professoras sobre os conceitos de criança e infância como fonte, identificamos, desse modo, como a escola vem atuando em relação a creche e quais as vertentes que norteiam o caminho pedagógico.

Nessa direção, procuramos compreender qual o ponto de vista das professoras acerca dos termos crianças e infância, o que nos fez reconhecer, através de suas falas, que concebem a criança como um ser de direito, ativo e competente, todavia, as definições sobre a infância restringem-se a uma fase do desenvolvimento humano. Como podemos perceber em algumas narrativas:

Magnólia: A criança pode ser definida como um ser que possui características em desenvolvimento e que participa das propostas didáticas das mais diversas atividades com muita criatividade e imaginação. As enxergo como um ser polivalente, capaz de se adaptar e aprender de forma surpreendente e inovadora. Enquanto que a infância, pode ser compreendida como a etapa do desenvolvimento humano, onde os processos cognitivos, neurais e sociais, estão sendo estruturados para as demais fases do desenvolvimento. É a etapa mais importante pra o indivíduo, sua base (ENTREVISTA – 12/11/2020).

Rosa: Ao meu ver, considero a criança um sujeito em formação, que descobre e explora com maior sensibilidade o mundo a sua volta. Enquanto que a infância, é uma fase única e especial vivenciada pela criança que lhe permite colecionar experiências e aprendizagens, que serão fundamentais para seu crescimento e desenvolvimento (ENTREVISTA – 14/11/2020).

As professoras comungam da nossa perspectiva acerca das crianças enquanto sujeitos sociais, capazes de estabelecerem relações com outras pessoas e utilizarem as mais variadas linguagens para se comunicar e expressar. As crianças são participantes ativos desde bebês nas instituições de ensino, quando encontram acolhimento, atenção e espaços que propiciem suas intervenções, o que por consequência, nos convida a olhar mais intensamente para compreendermos suas necessidades e manifestações. Desse modo, vemos nas narrativas das professoras, que as crianças são polivalentes, que apesar dos padrões e imposições, possuem potencialidades singulares para explorar o mundo com toda a capacidade, criatividade e curiosidade que as constituem.

Por esta vertente, ao definirem a infância, a compreendem como uma fase em transição da vida, fundamental para o desenvolvimento de distintos aspectos da criança e para constituição da sua identidade. Todavia, mais que uma fase de passagem, pois em todas as etapas da vida estaremos em evolução, a infância é uma categoria geracional, uma etapa da vida socialmente construída, um componente estrutural e cultural específico da sociedade, correspondente a uma fase etária com peculiaridades, variante e plural (SARMENTO, 2008).

Contudo, cabe salientar que neste estudo estamos relatando a criança vista e compreendida do ponto de vista do adulto, por acreditarmos ser importante para entendermos qual é a concepção docente em relação à criança e conseqüentemente entender suas escolhas, práticas e ações pedagógicas. As concepções apresentadas nessas falas, estão alinhadas a visão de criança que orienta nossa pesquisa, ou seja, como protagonista social situada no tempo e no espaço, que recria elementos vividos através das brincadeiras e das releituras realizadas no ambiente sociocultural a qual está ativamente participando (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2008). Legítima o ideal em que, a criança tem um olhar ativo de viver, habita o mundo de um jeito próprio, atuando nas relações sociais, nos processos de desenvolvimento e aprendizagens.

Assim, é necessário para o trabalho com bebês e crianças pequenas, análises que os compreendam e desenvolvam práticas docentes que estejam além de olhares que apenas enxergam a falta na criança, que as limitam e as colocam em condições de fragilidade e dependência. Nesse sentido, o trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas demanda do profissional da educação infantil, saberes e competências, que alinham desde os cuidados básicos e essenciais à criança até os conhecimentos fundamentais das diversas áreas do conhecimento. Onde, o professor por meio destes conhecimentos que agreguem sua conduta, propiciará a criança vivenciar experiências e práticas sociais significativas. Assim:

[...] a profissionalidade dos educadores infantis deverá ser fundamentada na efetivação de um cuidar que promova educação, e de uma educação que não deixe de cuidar da criança, de atendê-la em suas necessidades e exigências essenciais desde a sua mais tenra idade em atividades, espaços e tempos de ludicidade (ANGOTTI, 2008, p.208).

As falas das profissionais a respeito da criança e da infância, nos surpreenderam positivamente. Demonstraram sensibilidade e consciência a respeito não só das crianças como um sujeito ativo e competente, como também, a infância como uma fase fundamental para o seu desenvolvimento. Sendo assim, consideramos as diferentes concepções, impressões e significados como construtores da visão dos profissionais que trabalham diretamente com as

crianças, e esses olhares, influenciam no seu modo de atuação e possibilidades de trabalho com esses sujeitos. No prosseguimento da entrevista, caminhamos para uma nova discussão, buscando compreender o papel do professor na sala de aula e como se estabelece a relação das professoras com as crianças. Logo, diante das discussões, destacamos as seguintes narrativas:

Hortênsia: O papel do professor é mediar e na educação infantil este papel se torna mais evidente, pelo fato da criança estar em contato direto com o mundo através das relações que cria com os demais colegas e o próprio professor. Essa parceria do adulto com a criança, permite um vínculo que não está diretamente relacionado pelo que a gente quer que ela aprenda, faça. Mas, sim pela certeza de que essa parceria permite uma escuta sensível e um diálogo através das variadas linguagens que encontramos na rotina da sala de aula, nos momentos de acolhimento, brincadeiras, alimentação, higienização e entre tantos outros. Tudo envolve a nossa interação (ENTREVISTA – 21/11/2020).

Magnólia: Acredito que para além de um acrescentar de conteúdo, os professores da educação infantil têm um papel importantíssimo na solidificação dos construtos sociais e relacionais, dessas crianças, que são estruturadas no contexto familiar. Desenvolver uma relação interativa com as crianças, nos permite chegar num espaço seguro de intimidade. Espaço esse que, nos auxiliam em nossos trabalhos e o bom desenvolvimentos das crianças (ENTREVISTA – 12/11/2020).

As falas das professoras nos oferecem subsídios para refletir a configuração da proposta educativa para infância, em que as crianças se apresentam em um espaço ativo do seu desenvolvimento, um lugar de participação por meio das suas formas de comunicação e interação, sem desconsiderar a importância do papel do professor. Enfatizando, portanto, que integrar nas condutas docentes, uma escuta sensível ao que as crianças nos dizem, permite melhor identificá-las e auxiliá-las no processo de desenvolvimento. A escuta sensível, nesse contexto, configura-se como uma proposta que permite as crianças contribuírem com as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, mediante suas múltiplas expressões, sejam verbais ou não, que evidenciam suas necessidades, anseios, gostos e dificuldades. O professor ao buscar escutar atentamente as crianças responde aos seus direitos de acolhimento e valorização das suas manifestações, livre de julgamentos pré-concebidos, pois permite a interpretação sensível da capacidade infantil. Assim, para Rinaldi (2012) a escuta é mediadora para que as aprendizagens com crianças ocorram:

Escutar é uma premissa para qualquer relacionamento de aprendizado. É claro que o aprendizado é algo individual, mas também sabemos que é possível elevá-lo a um patamar mais alto quando existe a possibilidade de agir e refletir sobre o mesmo. Representar o ato de aprender e ser capaz de dividi-lo com os outros é indispensável para a reflexividade que gera conhecimento. Desse modo, imagens e intenções são reconhecidas pelo sujeito; elas tomam forma e evoluem por meio da ação, da emoção, da expressividade e das representações icônicas e simbólicas. Essa é a base geradora das linguagens, do aprendizado e da criatividade (RINALDI, 2012, p.209).

Logo, as professoras Demonstram que não há um modelo específico e determinado para o trabalho docente com crianças de 0 a 3 anos, mas no contexto diário podemos delinear as ações, articulando as atividades da rotina com a comunicação com os pequenos e alinhando aos

objetivos pretendidos. Além disso, considera-se nas narrativas, o enaltecimento nas trocas e relações interativas, uma vez que, as professoras têm consciência da importância da função que desempenham como mediadoras do desenvolvimento das crianças. A narrativa da professora Hortênsia, por exemplo, nos faz analisar como o processo interativo pode ocorrer em ações simples e rotineiras do trabalho com as crianças, envolvendo um cuidar consciente e um educar intencional.

Nesse sentido, percebemos que no trabalho com crianças de zero a três anos, há a necessidade em reconhecer que o projeto educativo acontece a todo momento e nas variadas situações. São nas interações, nas ações de higienização e cuidado pessoal, nas atividades dirigidas e nas atividades lúdicas, que as crianças apresentam suas linguagens e expressões, demonstrando suas experiências e aprendizados. As docentes articulam as relações indissociáveis entre o cuidar e o educar, onde o papel do adulto no contexto educacional se torna mediar, atuar e se relacionar com as crianças, por meio de vivências intencionalmente selecionadas e organizadas. Argumentações que vão de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), ao reforçarem a responsabilidade das creches para cuidar de crianças e educá-las de modo intencional. Assim, as práticas pedagógicas tornam-se ricas e significativas, para as crianças.

Em contribuição, Barbosa (2010, p. 6) acentua que:

[...] o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar, e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é como muitos acreditam apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige além de uma competência teórica, metodológica e relacional (BARBOSA, 2010, p.6).

O que por sua vez, reafirma a importância de uma prática pautada na interação, e na comunicação com as crianças, defendendo uma perspectiva de educação em que a proposta pedagógica busque se aproximar do ponto de vista das crianças, o que implica na observação, mediação e intervenção. Conforme podemos verificar na seguinte narrativa:

Margarida: É papel do professor propiciar momentos de interação e aprendizagens entre as crianças. Auxiliando em seu desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. Além de mediar questões de autonomia, onde a intervenção do professor ocorreria somente quando necessário. É isso só é possível, quando desenvolvemos vínculos que expressem segurança e confiança (ENTREVISTA – 17/11/2020).

Portanto, o entendimento das concepções a respeito da infância, da criança e do professor, dentre as falas das professoras entrevistadas, demonstram ser a educação infantil o espaço

apropriado, onde a criança adquire os primeiros preparos para o convívio social, constroem e reconstróem conhecimentos, lapidando suas capacidades cognitivas, emocionais e motoras, e assim viabilizam seu desenvolvimento integral. Entretanto, atender a todas essas ações que envolve as relações entre o educar e cuidar, é ainda uma das inquietações constantes no contexto da creche, um desafio, que não pode ser negado. Sendo essencial, um fazer docente consciente, crítico e reflexivo, que considere a aprendizagem e desenvolvimento da criança, o foco principal da educação.

3.2 DOCÊNCIA E SUAS ESPECIFICIDADES: NARRATIVAS QUE REFLETEM A PRÁTICA

Superando o histórico em que a atuação com bebês e crianças pequenas necessitava apenas de aspectos como cuidado e proteção, as especificidades dos professores de creches ampliam as percepções do objetivo central de alimentar, higienizar e amparar os pequenos. Com função pedagógica e um caráter que atende atividades de cuidado e educação, norteadas pelas interações e brincadeiras, esses profissionais se configuram pelos seus saberes, que se aprimoram no decorrer da formação científica e das experiências cotidianas e relacionais. Assim, buscamos refletir como as professoras se reconhecem nas práticas desenvolvidos com bebês e crianças pequenas, evidenciando as singularidades da atuação na creche.

Nesse caminho, as narrativas procedentes das entrevistas, configuram essa categoria como fundamental. Partindo do ponto em que as falas sobre as experiências e concepções das professoras são relevantes para seu processo formativo e para construção do seu perfil profissional, consideramos importantes o entendimento e a valorização das práticas pedagógicas dessas docentes. A partir das narrativas a seguir, percebemos as professoras identificam a atuação com crianças de 0 a 3 anos:

Rosa: Atuar com crianças nessa faixa etária não é uma tarefa fácil. Entretanto, escolhi trabalhar com elas, por acreditar que essa fase é importantíssima para seu o desenvolvimento e me identificar com o trabalho que estou desenvolvendo. Não sou experiente ao ponto de dizer que não preciso melhorar, busco diariamente me atualizar e me especializar para melhor atender as minhas crianças. E faço isso com muito amor, essas crianças me fazem levantar da cama todos os dias, sou realizada em caminhar com elas e meu coração transborda com cada evolução que alcançam (ENTREVISTA – 14/11/2020).

Magnólia: A minha atuação com as crianças se deu pela minha afinidade com o universo do desenvolvimento infantil. Acredito que além de conhecimentos prévios e formação acadêmica, é necessário ter compatibilidade com o universo da criança e seu desenvolvimento, além de valorizar as experiências da sala de aula. A sutileza de uma docência polivalente, sem dúvidas é de suma importância (ENTREVISTA – 12/11/2020).

Nas colocações das professoras Rosa e Magnólia encontramos o desejo por trabalhar com bebês e crianças pequenas atrelado a afinidade ao universo do desenvolvimento infantil. As professoras pontuam ser uma fase de fundamental importância para criança, que com o apoio dos docentes que se entregam com afeição, formação e dedicação pode ocorrer maior evolução. Dessa forma, as professoras refletem em suas narrativas que o trabalho na educação infantil não deve ser embasado apenas em conhecimentos acadêmicos, mas, precisa estar continuamente atento as peculiaridades do universo infantil, as questões cotidianas e sociais.

Encontramos nessas colocações, narrativas que fundamentam uma atuação que se efetiva na articulação entre conhecimentos prévios, formação acadêmica e nas experiências e vivência da creche. O que demonstra, a relevância do entendimento das professoras em transformar a teoria e os conceitos que a formação inicial nos proporciona, em práticas que se distanciam da vertente assistencialista ou exclusivamente escolarizantes, que muitas vezes, a carência da criticidade sobre essa etapa de ensino pode ocasionar. Assim, a formação inicial e os estudos dela decorrentes são bases para a construção de propostas pedagógicas, que reconheçam as singularidades da educação com crianças.

No prosseguimento dessa discussão, percebemos que a superação de concepções ancoradas na figura materna para a atuação do professor, consiste em converter o caráter de mero cuidado em que a educação infantil se alicerçou por longo tempo, em ações pedagógicas e curriculares críticas e reflexivas, sensíveis a infância, seus anseios e necessidades, amparadas por uma formação inicial e continua, que permita maiores capacitações dos docentes.

Nessa perspectiva, a formação inicial passa a ser um dos pilares para o exercício da docência, no sentido de contribuir para que o professor compreenda as bases teóricas e conceituais da educação infantil e caminhe na construção de uma identidade profissional singular. Portanto, a partir dos conhecimentos obtidos em formação podemos construir novos olhares e posturas acerca da docência infantil, uma vez que a “formação docente não pode ser vista apenas como um processo de acumulação de conhecimentos de forma estática, como cursos, teorias, leituras e técnicas, mas sim como a contínua reconstrução da identidade pessoal e profissional do professor” (SILVA e GUIMARÃES, 2011, p. 14).

De tal modo, acreditamos que o professor, enquanto profissional da educação é um intelectual em processo contínuo de formação, e que necessita fazer da sua experiência, uma construção e

reflexão diária e constante. Alinhando sua prática docente com os conhecimentos pedagógicos, fortalecendo assim, seus saberes e a forma como conduz sua atuação. Neste sentido, buscamos compreender como era desenvolvida a prática pedagógica pelas professoras entrevistadas na creche, buscando entender a importância da formação acadêmica, as contribuições que essa formação trás para atuação na educação infantil e as características específicas do trabalho com crianças de 0 a 3 anos:

Hortência: A minha formação inicial contribuiu em me auxiliar a construir ideais a respeito da educação infantil e o meu campo de atuação. Entretanto, na prática percebi que essa atuação necessita de aspectos para além dos proporcionados nos componentes acadêmicas. Trabalhar com essa faixa etária é atuar considerando a criança como o ser competente, reconhecendo e legitimando seus direitos e desenvolvendo particularidades que contemplem o cuidar e o educar. É estar disposta a ser uma professora polivalente (ENTREVISTA – 21/11/2020).

Margarida: Acredito que minha formação inicial contribuiu em parte na minha atuação. Através do conhecimento acadêmico conseguimos compreender situações vivenciadas em sala de aula, nos auxiliando na maneira mais adequada possível de agir e intervir diante dos acontecimentos. Contudo, a realidade nos apresenta vertentes nunca explorada, tornando a experiência um formador e facilitador da nossa prática. Por essa razão, considero importante para desenvolver essa atuação, ter uma formação acadêmica, conhecer os conteúdos que serão desenvolvidos e seus objetivos, saber estimular e envolver as crianças, saber observar e escutar, bem como, intervir quando necessário, zelar pela alimentação e higienização das crianças, além de manter um bom relacionamento com a família. São inúmeras as atividades que desempenhamos, acredito que cada uma delas constitui a nossa identidade profissional (ENTREVISTA - 17/11/2020).

É importante destacarmos que nas colocações das professoras, torna-se fundamental perceber as crianças como sujeitos ativos e de direitos, que participam efetivamente do processo de planejamento e elaboração das atividades cotidianas em sala de aula. As ações das crianças são o ponto de partida para as práticas pedagógicas, assim, cabe ao docente estimular e envolver as crianças, bem como, observar e escutar, além de intervir quando necessário.

Desse modo, a partir das colocações das professoras entrevistadas, vemos que a identidade profissional docente não se constitui do nada, se trata de uma construção diária, fundamentada em reflexões críticas, obtidas por conhecimentos a partir da formação inicial, que direcionam a atuação profissional em meio à realidade, a fim de atender as necessidades e exigências do exercício docente. Neste sentido, é importante ressaltarmos a indissociabilidade entre a teoria e a prática, onde a profissão docente está voltada para uma prática social, no sentido de aprofundamento, transformação e ressignificação dos conhecimentos, sendo necessário a iluminação da ciência para embasar as ações desenvolvidas. respeito da formação, Kramer (2005, p. 225) menciona que:

[...] a formação de profissionais de educação infantil precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de as crianças aprenderem com a história vivida e narrada pelos mais velhos, do mesmo modo que os adultos concebiam a criança como sujeito histórico, social e cultural. Reconhecer a especificidade da infância

– sua capacidade de criação e imaginação - requer que medidas concretas sejam tomadas, requer que posturas concretas sejam assumidas. A educação da criança de 0 a 6 anos tem o papel de valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, mas, para tanto, requer um profissional que reconheça as características da infância (KRAMER, 2005, p.225).

O trabalho docente com crianças não se reduz a transmissão de conteúdo, mas envolve toda a dimensão educativa, requerendo do professor uma formação que lhe oportunize suporte para visualizar as informações e conhecimentos que as crianças possuem, buscando ampliá-los, com práticas que articulem suas experiências e seus conhecimentos de mundo, com os “[...] conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças” (BRASIL, 2009, p.12). Por essa razão, a atividade docente está longe de ser entendida como ações mecânicas de memorização ou receituários a serem aplicados com as crianças, os saberes do professor são construídos e reconstruídos em cada espaço e tempo, saberes esses, que fazem parte de um contínuo processo de aprender a ser professor e continuar a aprender.

Assim, Rosa explana o que considera do trabalho desenvolvido com as crianças:

Rosa: Trabalhar com a educação infantil é um privilégio. Confesso que, na maior parte do tempo, são as crianças que nos motivam a seguir. Não existe um manual ou receita de bolo para nos direcionar em como agir com as nossas crianças. Buscamos todos os dias ser a nossa melhor versão, em cada uma das atividades, danças, brincadeiras, projetos e tantos outros momentos que proporcionamos a elas. Trabalhar com educação infantil é ter a certeza que não vai faltar trabalho, mas que em cada uma dessas crianças terá estampado um pouquinho do nosso esforço e trabalho. Ser professor de bebês e crianças pequenas é ser diferenciado (ENTREVISTA – 14/11/2020).

Compreender o trabalho docente como resposta aos estímulos das crianças, nos permite entender a interação entre professoras e crianças como um aspecto importante da atuação pedagógica. A professora revela o sentimento que existe no trabalho que realiza, especialmente, na atuação com bebês e crianças pequenas. Logo, como descrito na narrativa da professora Rosa, construir saberes, depende da aproximação entre teoria e prática. Assumindo a consciência de que, as práticas docentes não são descritas em padrões pré-estabelecidos para serem seguidas no espaço da sala de aula. Portanto, a construção dos saberes vai além dos conhecimentos práticos, realistas e objetivos. Dessa forma, o docente da educação infantil deve conseguir estabelecer a união entre os conceitos abordados no seu processo de formação e o seu cotidiano em sala de aula, pois os saberes do professor incorporam novas experiências no processo de contínuo aperfeiçoamento. De acordo com Mizukami et al. (2002, p. 43):

[...] o conhecimento se constrói a partir de hipóteses que se estruturam e se desestruturam. O conhecimento docente também se constrói: com a queda das certezas presentes na prática pedagógica cotidiana de cada um de nós. Portanto, é preciso intervir para desestruturar as certezas

que suportam essas práticas. Deve-se abalar as convicções arraigadas, colocar dúvidas, desestabilizar. A partir da desestruturação das hipóteses, constroem-se novas hipóteses, alcançam-se novos níveis de conhecimento (MIZUKAMI et al., 2002, p.43).

Para Mizukami (2002), efetuar práticas pedagógicas de forma consciente é refletir criticamente sobre o ato de ensinar, a fim de que não existam verdades absolutas. Pois, a forma como os conhecimentos se constituí está diretamente relacionada a maneira como os profissionais constroem e reconstróem seus saberes. É importante ressaltarmos que, os saberes em nenhum momento são depositados nesses sujeitos, mas sim formulados com base em suas experiências pessoais e dos sentidos vivenciados no decorrer da formação e atuação.

Portanto, seria equivocada da nossa parte afirmar que a graduação é suficiente para a atuação profissional de docentes com bebês e crianças pequenas, uma vez que, as saídas desses profissionais dos espaços acadêmicos auxiliam teoricamente e metodologicamente, mas é necessário constante aperfeiçoamento a partir das realidades de ensino encontradas, que lhes proporcionam o encontro com múltiplas infâncias.

Em contribuição, a respeito do trabalho com as crianças, trazemos a seguinte colocação da professora Hortência:

Hortência: No momento que comecei a trabalhar em sala de aula, principalmente com crianças pequenas. Percebi que o meu papel como professora não era “ensinar”, eu não acredito que as crianças tão pequenas precisem ser ensinadas. Quem foi que disse que elas não sabem das coisas? Quem foi que disse que nós sabemos de tudo? Eu penso que estou aqui para todos os dias, através das minhas sutis ações e intervenções permitir que elas se descubram e explorem as inúmeras possibilidades que às cercam. (ENTREVISTA – 21/11/2020).

Por meio da narrativa de Hortência, podemos discorrer sobre mais um aspecto acerca da docência, a sutiliza. Uma docência que não atribui julgamentos, ou imposições às crianças, mas busca de forma atenta e disponível construir com elas e não para elas o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Vertente que se direciona ao que Freire (1996) anunciou, da importância de o professor ter capacidade de criar, construir, reconstruir ou transformar um dado conhecimento, de modo que, as crianças não tenham o papel passivo de apenas receber aquilo que os adultos lhes transmitem, mas se tornem ativas na construção dessa aprendizagem, que se dá por meio das interações e das brincadeiras. Conforme salienta Rinaldi (2012, p. 228):

[...] se nós acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias e que são coprotagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais “falar”, “explicar” ou “transmitir”, mas apenas “escutar”. Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos. Escutar é um verbo ativo, pois significa não só gravar uma mensagem,

mas também interpretá-la, e essa mensagem adquire sentido no momento em que o ouvinte a recebe e avalia (RINALDI, 2002, p.228).

Nesse sentindo, vemos a importância de pensar à docência a partir da sutileza da atenção, conforme a fala da professora Hortência que corrobora com as ideias de Rinaldi (2012). De tal modo, torna-se imprescindível para os docentes reconhecerem e respeitarem as distintas formas utilizadas pelas crianças para se comunicar, pois as concepções e práticas pedagógicas que legitimam o bebê e a criança pequena como competente e ativa, confirmam os direitos da infância à liberdade e a expressão, legitimando o potencial das crianças enquanto atores nas relações interativas, que produzem significados particulares para os envolvidos.

Dessa maneira, acreditamos que existem aspectos comuns entre todo o ato de ensinar, mas na creche por tratar-se de bebês e crianças pequenas há uma especificidade que ocorre principalmente pelos aspectos afetivos, cognitivos, motores, emocionais, etc., além das competências que envolvem o cuidar e o educar, exigindo habilidades específicas. São essas diferenciações, que permitem a especificidade da profissão docente para infância. Um trabalho que respeita os princípios éticos, estéticos e políticos na proposta pedagógica. Desta forma, a identidade do professor da creche se constrói não só com conhecimentos, é uma construção social entrelaçada por relações com crianças, famílias e demais profissionais.

O trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas, torna-se especial a partir dos olhares atentos seguidos pela curiosidade, pelo questionamento e pela descoberta conjunta das experiências compartilhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a buscar por respostas e reflexões que compreendam os saberes que perpassam as práticas pedagógicas docente com bebês e crianças pequenas no espaço da creche. No decorrer da escrita, nosso estudo foi se reformulando e ganhando contornos, na medida que dialogamos com as perspectivas de pesquisas que assumem o compromisso de refletir sobre aspectos relativos à educação de crianças de 0 a 3 anos de idade no âmbito escolar. Deste modo, para conduzir a discussão e orientar nossos olhares, utilizamos referências teóricas, que nos ajudaram a pensar as relações educativas que envolvem a atuação docente com bebês e crianças pequenas, alinhados as composições da docência discutidas a partir de narrativas das entrevistas realizadas.

Neste sentido, a partir dos resultados obtidos, identificamos a importância da construção de uma docência flexível e planejada através da observação dos interesses, necessidades e curiosidades das crianças. Uma docência que garanta oportunidades de explorar espaços, tempos e materiais distintos, sendo o professor, um mediador e proponente de experiências e não um mero transmissor. Ressaltamos, ainda, a docência que considera a indissociabilidade do cuidar e educar, onde todas as ações nessa faixa etária necessitam do apoio de cada um desses fatores. Uma docência permeada pela sutileza nos pequenos atos, como as trocas de olhares, o afeto e o respeito que dão para a criança segurança de estar ali e entenderem o corpo como uma forma privilegiada de comunicação. Para tanto, sendo imprescindível a interação contínua entre professora e bebês, para o auxílio do desenvolvimento.

Diante disso, acreditamos que essa pesquisa possa ampliar as discussões e reflexões sobre as nuances da docência com bebês e crianças pequenas. Assim, essa temática torna-se importante e fundamental, visto que a atuação docente com crianças de 0 a 3 anos de idade, ainda não tem uma composição clara, nem um modelo de atuação profissional específico. Com isso, consideramos que os profissionais da creche precisam conhecer as fases do desenvolvimento infantil, observar como os bebês e crianças pequenas estão reagindo a determinado estímulo. Para então, direcionar suas ações pedagógicas de forma intencional e educativa.

Nessa perspectiva, os saberes da atuação docente na creche consideram as variadas formas de expressão e comunicação das crianças, ressignificando os olhares que ultrapassem estereótipos e as reconheçam nas suas potencialidades. Um trabalho que ultrapassa concepções ou comportamentos pré-estabelecidos e se destacam nas singularidades de cada profissional, que diariamente em suas práticas pedagógicas alinham o cuidar, o educar, o acolher, o entender, o instigar, o mediar e tantas outras ações que perpassam a sala de aula.

Portanto, essa pesquisa buscou entender o que as docentes acreditam compor sua docência e os modos como a constituem enquanto docentes de bebês e crianças pequenas, demonstrando a sensibilidade de um trabalho pedagógico que efetivamente, equilibra as necessidades, as demandas e os objetivos, dos profissionais que diariamente trabalham para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Destacando as ações específicas desse trabalho, pautados em saberes que são construídos diariamente a sua conduta, mediante ações reflexivas e contínuas.

REFERÊNCIAS

- ANGOTTI, Maristella (Org.). **Educação Infantil**: Para que, para quem e por quê? 2. ed. Campinas: Alínea, 2008.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com bebês**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&Itemid=30192> . Acesso em: 05 de maio. de 2021.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: as rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Os bebês interrogam o currículo. 8 p. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Como a sociologia da infância de William A. Corsaro pode contribuir para as pedagogias da educação infantil. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 177-188.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Pedagogia da infância. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancellari.; VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. p. 01-03.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: LDA, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=141451-public-mec-web-isbn-2019-003&category_slug=2020&Itemid=30192> acesso em: 08/05/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 16/06/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172/01**. Brasília, 2018. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm> acesso em: 02/05/2021.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAHLBERG, Gunila; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 69-90.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: atlas, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo, Cortez, 2004.

KRAMER, Sonia (org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

KUHLMANN, Moysés Jr. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). **Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 51-65.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MIZUKAMI, M. G. N., et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MONTANDON, Cléopâtre. **As práticas educativas parentais e a experiência das crianças**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, ago. 2005.

OLIVEIRA, Edna Aparecida de. **A formação continuada das professoras da Educação Infantil de Anápolis-GO**. 228 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2ª. Ed. SP: Cortez, 2000.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. 2. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 160 p.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manoel J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Editora Junqueira Martins, 2007, p. 25-49.

SILVA, Fernanda Costa Fagundes; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. **O professor de educação infantil: cuidar ou ensinar? Um novo olhar**. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.